Apresentação ao Dossiê "Renascimento e renascimentos"

Cássio da Silva Fernandes[*]
Universidade Federal de São Paulo

A definição do Renascimento como época histórica e, consequentemente, como campo dos estudos históricos teve origem na historiografia do século XIX. O primeiro e principal símbolo dessa construção oitocentista foi, sem dúvida, o livro de Jacob Burckhardt, ***A Cultura do Renascimento na Itália***. A esse respeito, um dos maiores estudiosos da civilização do Renascimento, Eugenio Garin (1909-2004), chegou a afirmar: "A expressão 'cultura do Renascimento' entrou no uso corrente sobretudo por mérito da grande obra (exatamente de '*Kulturgeschichte*' [história da cultura]) de Jacob Burckhardt, ***A Cultura do Renascimento na Itália***, publicada em 1860."[1] Garin completa sua afirmação, reiterando a importância da junção entre os termos "cultura" e "Renascimento" no título (e consequentemente na ideia) do livro de Burckhardt para os posteriores estudos sobre a época, ao dizer que, a partir de então, "o Renascimento encontra um sentido adequado no terreno da cultura: é, antes de tudo, um fato de cultura, uma concepção da vida e da realidade que opera nas artes, nas letras, nas ciências, no costume".[2] De fato, o livro de Burckhardt trazia no título uma identificação entre a Renascença, concebida como época histórica, e a história da cultura, pensada como gênero historiográfico. A partir desse livro, a noção de Renascimento encontrava um sentido adequado no terreno da cultura, ao mesmo tempo em que a imagem de Burckhardt se constituía como a do historiador que concebera de modo definitivo um modelo histórico-cultural.

---

[*] Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1992), especialização em Teoria Literária pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1993), mestrado em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e doutorado em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (2003), com estágio de 18 meses (Bolsa Doutorado Sanduíche) na Universitá degli Studi di Pisa - Itália (2001 e 2002). Foi Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), entre 2005 e 2011. Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, onde atua na área de História e Historiografia da Arte e da Cultura no Renascimento. É ainda Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), nos quais atua como orientador de Mestrado e Doutorado e supervisor de Pós-Doutorado. Professor Convidado no Mestrado (Master) em História da Arte, no Kunsthistorisches Institut (Instituto de História da Arte) da Universidade de Zurique (Suíça), em 2012. É autor da organização, tradução para o português, apresentação e notas do livro de Jacob Burckhardt "O Retrato na Pintura Italiana do Renascimento" (2012).

[1] GARIN, Eugenio. ***La Cultura del Rinascimento.*** Milano: EST, 2000, p. 9.

[2] *Idem*, p. 13.

Todavia, o Renascimento de Burckhardt, por mais aberto e assistemático que possa ter se caracterizado, propunha uma concepção de época histórica, que a historiografia do século XX foi paulatinamente nuançando. Ao longo do Novecentos, a noção de Renascimento, então, foi perdendo o sentido de caracterização de uma época concluída, delimitada como um bloco temporal, para ganhar a caraterística de núcleo ideológico. Ainda que fosse mantida a validade da ideia burckhardtiana de um conjunto de fenômenos literários e artísticos, passa a ser, porém, ressaltada a noção de que Renascimento não é tudo aquilo que se escreveu, pintou, esculpiu, construiu ou colecionou num arco de tempo compreendido entre os séculos XV e XVI, principalmente na Itália. O Renascimento ganhou, então, a característica de uma imagem do mundo, uma concepção não muito distante da definição de Burckhardt, no entanto entendida agora no sentido de uma ideologia. E, como tal, passível de transmissão e transferência. Um núcleo ideológico constituído como um programa educativo baseado na ideia de descoberta da Antiguidade clássica. A Antiguidade, então, transformada em meta e em ideal de existência, a partir de um programa de transmissão de sua base ideal para a construção do homem e do mundo que o circunda. Essa imagem do mundo, surgida originalmente na Península Itálica, ganhou, em solo itálico, um sentido de unidade, para, em seguida, transferir-se para outros contextos, de forma fragmentada e permeável às colorações locais.

Esse conjunto de ideias compõe o tema que unifica o presente dossiê, acolhido pela *Revista Diálogos Mediterrânicos*, parceria perfeita para um empreendimento do tipo.

Nesse sentido, este conjunto de artigos se abre com a participação de Maurizio Ghelardi, Professor da Scuola Normale Superiore di Pisa, um dos maiores especialistas na historiografia sobre o Renascimento, responsável pela organização e edição das obras de Jacob Burckhardt e Aby Warburg na Itália, Suíça e Alemanha. Maurizio Ghelardi, que recentemente editou a correspondência passiva de Burckhardt, segue, a partir de documentos originais, tais como textos, conferências e epistolografia, a biografia intelectual do historiador suíço, para elucidar o processo a partir do qual se constituiu e se modificou sua ideia do Renascimento italiano concebido como uma formação histórico-cultural. O artigo de Ghelardi constitui-se como a síntese de uma parte da biografia intelectual de Burckhardt, que será publicada ainda este ano, na Itália.

A partir daí, o dossiê se constitui de estudos de caso sobre temas históricos e histórico-artísticos, num arco cronológico no qual se pode compreender, de maneira ampliada, a noção de Renascimento. Ou seja, inicia-se nas igrejas de Pisa, curiosamente como aparece já no plano de trabalho de Burckhardt, mas se estende até a transposição de seus princípios

artísticos e literários para além da Península Itálica, atingindo inclusive, pelo papel histórico desempenhado pelo império espanhol, o solo americano.

Assim, como segundo artigo da coletânea, Tamara Quírico, Professora do Departamento de Teoria e História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, empreende, com riqueza de detalhes, um estudo sobre problemas de datação e atribuição a respeito do ciclo de afrescos do *Trecento*, representando o *Trionfo della Morte*, no Camposanto de Pisa.

O volume segue com o artigo de Gerardo De Simone, Professor da Accademia di Belle Arti di Carrara, Itália, sobre a obra do frade dominicano e pintor atuante na primeira metade do século XV, o Beato Angelico. De Simone concentra-se na atuação de Fra Angelico entre Fiesole (sua cidade natal), Florença e Roma, levando em consideração os meandros da produção artística no interior da oficina sob responsabilidade do frade pintor, atentando ainda para as peculiaridades do desempenho da dupla função de artista e de religioso, concentradas na figura do Beato Angelico.

Continuando com o tema da arte italiana do Renascimento, o volume apresenta, em seguida, um estudo sobre a obra arquitetônica do florentino Baccio Ponteli, ativo no final do *Quattrocento*. Patrícia Dalcanalle Meneses, Professora do Departamento de História da UNICAMP, analisa o impacto da arquitetura pintada por Piero della Francesca no famoso retábulo que retrata o Duque de Urbino, Federico da Montefeltro, sobre os futuros edifícios projetados por Baccio Pontelli. Trata-se, portanto, de um estudo sobre a transposição de um modelo pictórico do chamado "Primeiro Renascimento" para a execução de obras de arquitetura no período de transição da arquitetura do Renascimento em Roma, entre o fim do século XV e início do XVI.

A partir daí, o dossiê entra no amplo tema da expansão de modelos renascentistas para além da Península Itálica. É este quase literalmente o título do artigo de Alexandre Ragazzi, Professor do Departamento de Teoria e História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Assim, Alexandre Ragazzi parte da ampliação dos limites daquilo que se conhece por Renascimento, para analisar alguns aspectos da fortuna e recepção do chamado *modelo renascentista*, num texto que promove, no interior da coletânea em questão, uma guinada em direção ao mundo ibérico e a sua expansão para a América.

Nesse caminho, a primeira parada se cumpre com o texto de Maria Berbara, *"Vidimagnam partem mundi": obstáculos para a concepção de Lisboa como "nova Roma" nos séculos XV e XVI*. Também Professora do Departamento de Teoria e História da Arte da UERJ, Maria Berbara desenvolve um estudo sobre a metáfora da renovação imperial no âmbito da

história portuguesa dos séculos XV e XVI, analisando os obstáculos que se constituem no processo de estabelecimento de uma relação de continuidade entre a ideia de Roma e a autoimagem pretendida por Lisboa de *caput* da nova potência lusitana.

Seguindo o amplo tema da transferência da tradição clássica para o território lusitano no limiar do mundo moderno, Cristiane Nascimento, Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, concentra-se no tratado artístico *Da Pintura Antiga*, do humanista e artífice português que viveu em Roma no século XVI, Francisco de Holanda. Cristiane Nascimento, num refinado estudo compreensivo da obra de Holanda, buscando os modelos sobre os quais se assenta o seu discurso, observa uma relação encomiástica e prescritiva com a Antiguidade (baseada na erudição literária humanista a propósito da arte antiga), para compreender o tratado do humanista português como uma peça de incitação aos pintores a emular os antigos seja na excelência da arte, seja na glória e fama alcançada pelos artistas.

Numa perspectiva até certo ponto paralela, Maria Luiza Zanatta de Souza, Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, trás para a discussão outro personagem de centro na cultura portuguesa do século XVI: o Bispo de Viseu, Dom Miguel da Silva, que vivera em Roma, na corte papal, e para quem Baldassare Castiglione dedicara seu paradigmático *Libro del Cortegiano*. Maria Luiza Zanatta, debruçando-se sobre o período de retorno de Dom Miguel da Silva a Portugal, analisa sua atuação na comitência artística em solo lusitano, para perceber seu interesse pelo humanismo italiano e pelas formas artísticas do Renascimento.

O dossiê amplia-se, sem perder, entretanto, o foco da discussão sobre as transferências culturais em direção ao mundo ibérico e sua diáspora. Sarissa Carneiro, Professora da Facultad de Letras da Pontificia Universidad Católica de Chile, estuda a ocorrência de um gênero literário renascentista na América Hispânica entre os séculos XV e XVII. Trata-se do poema de retrato, expressão literária paralela às artes pictórica e escultórica, que Sarissa Carneiro analisa em solo Vice-Reinal, seguindo o processo de formação do gênero e enfatizando as variações que se conectam à cadeia de imitações da tradição italiana.

Ainda no terreno literário, apresenta-se o artigo de Luiz César de Sá Júnior, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que trata de duas controvérsias francesas ocorridas no século XVII. Movendo-se no âmbito da interpretação de modelos retóricos, o autor se dirige em direção ao contexto da querela entre antigos e modernos, para empreender (com erudição pouco comum a um jovem

pesquisador) uma discussão sobre o conceito de *auctor*/*auctoritas* no ambiente literário francês do Seiscentos.

O dossiê se conclui com o artigo de Fernanda Marinho, Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, que põe em foco o livro do estudioso italiano Eugenio Battisti, *L'Antirinascimento*, editado em 1962. Compondo um breve panorama do percurso intelectual de Battisti, compreendendo sua inserção na escola do historiador e crítico de arte Lionello Venturi, o texto de Fernanda Marinho permite uma significativa conclusão para este dossiê, pois trás para a discussão a noção do intelectual italiano de um revés do Renascimento áulico, ao questionar, do ponto de vista de seu engajamento vanguardista, as bases classicistas da crítica e da história da arte na construção simbólica da imagem da Renascença.

Assim, esta coletânea se abre ao leitor, não no intuito de trazer respostas àqueles que se interessam pela arte e cultura da Renascença, mas com a perspectiva de colocar uma vez mais em discussão uma época paradigmática, sem perder de vista um dos elementos centrais de sua conformação, e que pode ser traduzido no tema humanista da *varietas*, como um símbolo do olhar do homem do Renascimento.

Boa leitura!!